

# E AGORA, JOSÉ?

**Luiz Alex Silva Saraiva<sup>1</sup>**

**José**

*Carlos Drummond de Andrade*

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,

---

<sup>1</sup> Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. [saraiva@face.ufmg.br](mailto:saraiva@face.ufmg.br). Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio - e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,

se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?<sup>2</sup>

A primeira frase do icônico poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, que completa quase 70 anos, não poderia ser mais precisa para este momento da nossa história, infelizmente. Abundam os escândalos, parecem cada vez mais inacreditáveis as denúncias e as manchetes dos jornais, mas permanecemos atolados no mais profundo momento de desolação nacional. A lista é imensa e está diretamente relacionada à visão que “homens de bem” tem sobre o que deve ser um país: politicamente comprável, judicialmente conivente e civilmente permissivo. Do meio ambiente à religião, da economia à saúde, este governo é uma tragédia anunciada, um fiasco criminoso sem comparação com nada que já vimos antes. E olha que já vimos muita coisa ruim nesses poucos anos de democracia.

Como um todo, o quadro que vivenciamos parece particularmente delicado quando, em um exercício de extremo esforço, olhar para o futuro. O que nos aguarda, afinal? Uma continuidade do despedaçamento do país, e, portanto com a manutenção do que vivemos nesses 32 meses de disparates, ainda que com outros nomes, ou uma

---

<sup>2</sup> Poema extraído do livro “José”, de 1942, parte de Andrade, Carlos D. (2002). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

tentativa de colar os pedaços dessa autêntica república de bananas? Para a nossa infelicidade, muitas são as evidências de que podemos seguir em um ou outro rumo.

De um lado, a forte tradição de uso maciço da máquina para garantir a todo custo a reeleição, o aparelhamento do governo nacional e dos governos subnacionais, e o apoio financeiro dos principais grupos econômicos, bem como a base política de boa parte da classe média sugere que a estratégia do “quanto pior, melhor” segue como sendo suficiente para muita gente. Munidas de teorias conspiratórias e de um apreço pela ignorância e pela violência, tais pessoas que se orgulham de apoiar o seu capitão e estar com ele “até o fim” – mesmo que estejamos falando do fim de um país e da erosão de todas as instituições que foram duramente construídas ao longo da conturbada história da nossa *res pública*.

De outro, uma ainda difusa sensação de esperança. Corporificada em um ou outro candidato mais esclarecido do que aquele que ocupa a cadeira presidencial, este vago sentimento parece estar relacionado a um resgate pelo menos de parte do que já fomos. Com todos os problemas anteriores – e nunca foram poucos – havia um lugar chamado do Brasil. Uma pátria, se assim preferirem, um lugar para chamar de nosso, uma terra adorada. Aderimos às propostas vagas devido a termos presenciado tantos horrores nesses últimos tempos que qualquer perspectiva de não vivermos mais isso parece se apresentar como viável. Pensamos que entre o fim e uma possibilidade de recomeço, a escolha é óbvia. Apesar de não estarmos certos de que o que tínhamos antes era propriamente um país, como reconstruí-lo depois do que vivemos?

Como acabar com a noção de que a política é uma carreira rentável, quando ela deveria servir aos cidadãos e não o contrário? Como reduzir o espírito absolutista do poder executivo brasileiro, que se comporta como se tudo pudesse e como se não tivesse uma sociedade a prestar contas? Como erradicar a omissão, conivência e explícita corrupção da maior parte do poder legislativo? Como por o poder judiciário

no seu devido lugar e retirá-lo desse lugar fantasioso de democracia de toga que se comporta como se pairasse acima dos mortais, que dele precisaria para regular cada pequeno aspecto da sua existência – e sempre de forma a manter cada vez mais explícitos os seus privilégios, como o imoral auxílio moradia, valor por si só superior à renda de 92% da população brasileira (Victoria, 2018)?

Como restaurar a credibilidade e a efetividade das instituições depois de uma demonstração de que basta um governo para abalá-las, quando não destruí-las completamente? Como fazer a maior parte dos empresários compreender que a combinação de usura econômica e de salários baixíssimos alimenta uma lógica darwiniana de todos contra todos e que uma hora simplesmente não haverá quem adquira seus produtos e serviços? Como restaurar laços sociais com pessoas que apoiam o negacionismo, o genocídio das minorias, principalmente pessoas indígenas, negros, pobres, mulheres e LGBTQs, o trabalho análogo à escravidão para manter intocados seus privilégios, a concentração de renda, a super exploração dos trabalhadores, o fim de direitos, a liberação de armas, o recrudescimento da violência generalizada e a falta generalizada de solidariedade social? E agora, José?

Independente de qualquer coisa, estamos no mesmo barco. Se ele afundar (ainda mais), todos naufragaremos juntos. Isso alerta para a necessidade de responsabilização coletiva sobre o futuro que queremos. Isso não significa todos desejemos o mesmo horizonte, e nem o poderíamos fazê-lo, mas o amanhã precisa ser compreendido como destino inescapavelmente comum.

Neste segundo número de 2021, contamos com a **Capa Marx e Engels escrevendo história no papel e a classe trabalhadora escrevendo história na luta** de *Bernardo Morais Marques*. A partir de uma proposta de dupla visualidade, o autor explora a ideia de que os trabalhadores produzem sua própria história seja na crítica, seja na ação.

A seção **Artigos** conta com duas contribuições neste número. Na primeira delas, *O organizar temporário de um festival de música*, de Allan Daniel Dias, Ana Silvia Rocha Ipiranga e Mariana Maia Bezerra, se buscou compreender o organizar temporário de um festival de música e as suas influências na economia criativa da cidade de Fortaleza. A partir de um estudo de natureza qualitativa, foi identificado que o festival analisado está envolto em uma rede criativa de práticas espaciais de caráter temporário, o que influencia na pretensa linearidade sequencial das tarefas. A simultaneidade da cronologia espaço-temporal simultânea facilita a emergência de uma rede de práticas de negociação e de aprendizagem complexas e diferenciadas.

Elizeu Barroso Alves, Ademir Moreira Bueno e Aline Mara Gumz Eberspächer, em *Formas não convencionais de organização e o sistema de ensino superior do curso de Administração*, procuraram analisar a qualificação profissional dos egressos do curso de Administração para atuarem em organizações de cunho não convencional, com enfoque na economia solidária. Explorando as diretrizes curriculares nacionais do curso de Administração, que sugere o perfil do egresso desejado, foi feita uma análise do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) que avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação, tendo os autores concluído que a formação de administradores ainda privilegia a reprodução da lógica utilitarista.

Na seção **Resenhas**, Marcos Antonio dos Santos e Cesar Isaac nos brindam com o texto *Cinemão: encruzilhadas de desejos e sensações*, da obra homônima de Mário Vasconcelos, um estudo de investigação socioantropológica sobre as práticas de pegação masculinas. Os autores exploram a grande viagem do livro pelos mundos e submundos do Cinemão, um espaço no qual as interações homoeróticas, e não só elas, se apresentam aos nossos olhos adaptados, apresentando novas formas de se exibir e pensar a pluralidade do sexo.

Por fim, na seção **Registros fotográficos**, contamos com a contribuição *Redes de solidariedade no campo: grupo de artesanato das mulheres do assentamento do MLST Lucilene Fernandes, Uberlândia, Minas Gerais*, de Ana Flávia Martins de Lima, Nathália Santos Franqueiro e Cintia Rodrigues de Oliveira. Este registro fotográfico ilustra uma das práticas solidárias das mulheres de um assentamento a partir de uma perspectiva feminista. As autoras procuraram traçar as intersecções existentes entre a literatura sobre economia solidária e a perspectiva feminista como forma de compor um quadro a partir do qual foi possível analisar o grupo de artesanato das mulheres do assentamento Lucilene Fernandes. Elas concluem que, mais do que uma atividade meramente produtiva, este grupo significa uma verdadeira prática solidária para essas mulheres, uma vez que contribui não só para a sua emancipação econômica, mas, sobretudo para seu desenvolvimento pessoal e para o fortalecimento da coletividade.

Como cereja do bolo, nesta edição temos o prazer contar com uma **Homenagem a José Henrique de Faria**. Contando com *Deise Luiza da Silva Ferraz* e *Camila Brüning* como editoras especiais, esta seção especial é composta por sete textos. No primeiro deles, *“Muito pouco eu sei, mas tenho a certeza de que é preciso amor para poder pulsar”*: dos ensinamentos fundamentais de José Henrique de Faria à economia política do poder, as editoras especiais apresentam a homenagem como ponto de partida da empreitada.

*Diego Iturriet Dias Canhada*, em *Diálogos e conversações com a economia política do poder*, a partir de uma perspectiva inspirada, sobretudo, na filosofia deleuziana, trata de algumas razões pelas quais o pensamento e a pessoa do homenageado foram e são importantes para sua constituição como ser humano, discutindo três características marcantes e completamente relacionadas de sua pessoa, obra e trajetória: a docência, a militância política e o seu pensamento.

Em *José Henrique de Faria: um marxista convicto na Administração*, Janayna de Moura Ferraz reflete sobre o conjunto da obra do Professor Faria, particularmente sobre sua produção teórica crítica e, igualmente, sua atuação acadêmica coerente com a teoria que sustenta. O predicado “marxista convicto” atribuído ao Prof. Faria é uma exaltação ao afinco e sutileza com que o homenageado tem conseguido manter a radicalidade de suas formulações sem, contudo, se isolar das discussões e círculos outros: implacável na crítica, mas indulgente na convivência.

Apresentando as contribuições do professor José Henrique de Faria na qualidade de intelectual presente na academia, sobretudo na área da Administração e dos Estudos Organizacionais em *Professor Faria e o afeto como imanência da resistência intelectual*, Francis Kanashiro Meneghetti problematiza as dificuldades enfrentadas pelos intelectuais e como esta trajetória acadêmica em particular se apresenta como forma imanente de resistência a partir das relações afetivas que estabeleceu.

*O lugar da Psicologia na teoria Economia Política do Poder*, de José Henrique de Faria, de Elaine Cristina Schmitt Ragnini, tece um campo de análise das relações de poder sob a égide do capital inédito nos estudos organizacionais críticos. A autora caminha pelos elementos objetivos e subjetivos do comportamento e da subjetividade que estão em jogo nas relações de poder, pela ideia da teoria psicológica a ser refutada na análise crítica das teorias administrativas, e parte do sistema/esquema de análise construído para a crítica das relações de poder no campo da gestão e das formas de organização social para a produção.

Camila Brüning, em *Economia Política do Poder e psicologia crítica: diálogos e construções a partir da obra de José Henrique de Faria*, procura evidenciar a influência do trabalho do homenageado, e de sua teoria desenvolvida no campo dos estudos organizacionais na formação, pesquisa e atuação de psicólogos que buscam trabalhar com uma psicologia crítica e/ou com uma crítica da psicologia.

O último dos textos da seção especial é *Ensaio biográfico e reflexões teóricas sobre a trajetória e a obra de José Henrique de Faria*, de José Ricardo Vargas de Faria. Nesta contribuição, o autor, a partir de algum esforço biográfico, mas principalmente das suas memórias sobre sua trajetória, propõe uma análise particular da contribuição teórica e acadêmica do homenageado em três aspectos: a centralidade do tema do poder, o horizonte político da emancipação e da justiça social e a primazia do real.

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

Andrade, Carlos D. (2002). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Victoria, Clóvis (2018). *92% dos brasileiros ganham menos do que o auxílio-moradia de R\$ 4.377,73 dos juízes*. Recuperado em 26 agosto, 2021 de: <https://www.sindbancarios.org.br/index.php/92-dos-brasileiros-ganham-menos-do-que-o-auxilio-moradia-de-r-437773-dos-juizes/>.

## **CONTRIBUIÇÃO**

**Luiz Alex Silva Saraiva**

Texto individual, elaborado pelo autor.

## **AGRADECIMENTOS**

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## **DECLARAÇÃO DE INEDITISMO**

O autor declara que a contribuição é inédita.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

O autor declara não haver conflito de interesses.

## **COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO**

Saraiva, Luiz Alex S. (2021). E agora, José? *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(21), 290-299.